

A ARTE E O DESIGN COMO PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA

EDUARDA RODRIGUES MOREIRA¹; CHRIS DE AZEVEDO RAMIL²;

¹Universidade Federal de Pelotas – eduardarodriguesmoreira347@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – chrisramil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar algumas reflexões sobre a arte e o design na preservação da memória coletiva em tempos de pandemias passadas e no contexto atual da pandemia de Covid-19¹. Atualmente, nossa sociedade vivencia um momento crítico, pois a disseminação desse vírus, ocorrida no início de 2020, abalou nossas vidas de forma repentina, transformando nosso cotidiano. O novo mal que acompanha a era da modernidade certamente adentrou a história junto com outras doenças que também marcaram a trajetória da humanidade, e assim como elas, o novo Coronavírus está sendo perpetuado pelas mais diversas formas de arte e design, que são essenciais para a preservação de tais eventos.

A arte existe em nossas vidas como um fenômeno social, no qual o artista coloca um pouco de si e de suas vivências, interpretando, materializando, registrando e compartilhando suas idéias e seu momento histórico. Sabemos que a arte está imersa na sociedade desde o período pré-histórico e, mesmo apresentando diversas características em cada época, ela mantém uma característica perene: a documentação e preservação de uma memória coletiva.

Logo, a arte é construtora e testemunha da história, ao retratar ao longo das décadas a memória e o contexto de diversos povos. Nesse sentido, fatos que assolaram a humanidade também aparecem nos registros artísticos, como as pragas e doenças devastadoras, entre elas a peste negra (séc. XIV) e a gripe espanhola (séc. XX), representadas em obras de artistas dessas épocas e que se tornaram, assim, um importante recurso de documentação imagética da história.

Sendo assim, é nítida a contribuição da arte para a constituição de uma memória coletiva. Segundo Halbwachs (1990), não há a existência de uma memória estritamente individual, visto que o sujeito está inserido em algum contexto ou grupo, e que esse contexto que o indivíduo pertence, será importante para rememorar algum momento específico. Por exemplo, ainda que uma lembrança específica seja vivida por apenas uma pessoa, ela está inserida em um contexto social, relacionado à alguma comunidade ou grupo, ou seja, a lembrança torna-se pertencente à comunidade ou grupo ao qual o indivíduo pertença.

A partir dessas reflexões sobre a arte e sua relação com a sociedade, história, documentação e memória coletiva, na sequência serão apresentadas algumas obras com diferentes especificidades, que exemplificam a discussão sobre esses temas, abordados especificamente em relação à interpretação e o reflexo das pandemias passadas e a atual em trabalhos de artistas e designers.

2. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, além da leitura de referenciais teóricos para embasamento dos conceitos supracitados, foi feito um levantamento de

¹ Este texto é resultado de uma pesquisa mais ampla realizada para a disciplina de “Tópicos em Design II - Design em tempos de pandemia”, do Curso de Design Gráfico, em 2020/1.

imagens de obras de artistas e designers, pela internet, que fossem relacionadas à temática de pandemias passadas e, principalmente, investigou-se os exemplos que representam a influência da atual pandemia de Covid-19 no trabalho desses profissionais. Com os dados reunidos, selecionados e analisados, procedeu-se à escrita reflexiva, da qual alguns resultados serão apresentados, na continuidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Halbwachs (1990) afirma que é impossível analisarmos o fenômeno da recordação sem antes levar em conta os fenômenos sociais de uma época ou contexto histórico para a reconstrução da memória. Com isso, pode-se compreender que as variadas representações que os artistas têm feito ao longo da história das pandemias, espelham uma realidade coletiva de tempos de crise e, com isso, realizam a preservação de momentos significativos da sociedade.

A peste negra, por exemplo, é uma das doenças surgidas na Europa no século XIV, que foi documentada diversas vezes pela arte, que naquele contexto perpetuou a coletividade vivida no momento. Com isso, ao registrar o contexto medieval, diversas pinturas retratam a crise vivida pela sociedade da época, interpretando o caos, a miséria, a fome, o luto, a doença e a morte, de forma bastante intensa e dramática (Figura 1a).

Outrossim, a gripe espanhola ocorrida no ano 1918 também foi representada por alguns artistas, como o pintor expressionista Egon Schiele (Figura 1b), que retratou em uma de suas últimas pinturas (inacabada) a situação de sua família ao contrair a enfermidade. Também, Edvard Munch (Figura 1c), criou obras expressionistas que petrificaram o seu medo e estado físico ao contrair a doença. Munch produziu diversos autorretratos acerca de suas angústias relacionadas à doença e à morte e, ao contrário de Schiele, sobreviveu à gripe.



Figura 1 - a. Obra de Pierart dou Tielt (*Cidadãos de Tournai enterrando os mortos durante a Peste Negra*, 1347); b. Obra de Egon Schiele (*A família*, 1918); c. Obra de Edvard Munch (*Autorretrato após a gripe espanhola*, 1919). **Fonte:** a. Tinelli (2020); b. Leia Já (2020); c. Leia Já (2020).

Ainda que a pintura tenha sido muito significativa para a representação de memória coletiva em tempos de pandemias passadas, a contemporaneidade também comprova a arte e o design como formas de preservação da memória, somando-se ao advento da *internet* e à capacidade de armazenamento de dados.

Com o isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19, o consumo artístico aumentou exponencialmente e tornou-se uma válvula de escape, que promove o bem-estar e a preservação da saúde mental. A produção gráfica neste período está representando o sentimento coletivo sobre a vida nesses meses e expressando as angústias da sociedade diante de um vírus mortal. As cidades, vazias no início da crise sanitária, foram preenchidas com inúmeras formas de arte, e a *internet* permitiu que, rapidamente, essas expressões artísticas estejam sendo preservadas em dados e compartilhadas em *sites*, redes sociais e *apps*. Além disso, através dos veículos de notícias, não foi raro a transmissão de diversas manifestações artísticas momentâneas ao redor do mundo. Graças à

tecnologia, essa produção artística cotidiana não só foi documentada como também será extremamente relevante para a preservação da memória coletiva em tempos de pandemia.

No Brasil, a noite em algumas cidades tornou-se diferente, pois coletivos de arte e iniciativas diversas criaram projeções nos prédios (Figura 2a), uma forma artística concebida a partir da necessidade do isolamento social, que possibilitou a transmissão de mensagens de conforto para várias pessoas, mesmo à distância. Na Itália, no início da pandemia, muitas pessoas cantavam e tocavam instrumentos musicais nas sacadas e janelas (Figura 2b), o que também serviu de entretenimento para a vizinhança e escapismo para os isolados em casa.

Expressões artísticas como essas, que são temporárias e momentâneas, têm sido capturadas por meio de fotografias e vídeos, sendo assim resguardadas por meio dos recursos tecnológicos, e poderão ser observadas também em um futuro longínquo. A reprodução desses momentos permite a imersão total do observador, que poderá reviver essa lembrança pandêmica pelos olhos e pelas câmeras de outras pessoas, mantendo viva a memória coletiva construída pelos cidadãos que viveram a época crítica de isolamento social, desde 2020.

Além disso, a arte e o design também têm explorado as tecnologias mais recentes para registrar as imagens desta época. Com as redes sociais, foram divulgadas inúmeras formas de publicação artística, como a criação do *Covid Art Museum*, um perfil no *Instagram* que possibilitou manter um acervo ilimitado de obras produzidas pelo mundo no período da pandemia. Outrossim, muitos artistas utilizam suas redes sociais para compartilhar a produção de peças gráficas com campanhas, mensagens de conforto e ilustrações sobre situações cotidianas vividas pelo sujeito contemporâneo, frente à nova realidade gerada pelo vírus.

Entre os exemplos mais recorrentes está a máscara que, por ser um item comum e necessário em nossas rotinas para seguir os protocolos sanitários, tornou-se um ícone na visualidade ao nosso redor e tem sido representada incansavelmente, fazendo parte da memória gráfica do período. Ela tornou-se um símbolo universal e forte representante do período em que vivemos e, por isso, é bastante reproduzida em diversas ilustrações, peças artísticas e projetos gráficos que tratam sobre a atual pandemia. A artista Cassandra Calin, do Canadá, conhecida por ilustrar cenas cotidianas, também começou a representar situações com o uso da máscara, que a pandemia inseriu em seu dia-a-dia (Figura 2c).



Figura 2 - a. Fotografia (Viva JK, 2020); b. Fotografia (Guglielmo Mangiapane, 2020). c. Tirinha (Cassandra Calin, 2020). **Fonte:** a. *Instagram* @vivajk; b. G1 (Disponível em: <https://glo.bo/3y8BtxC>); c. *Instagram* @cassandracalin.

Ademais, é imprescindível referenciar a arte urbana, que também reflete a memória das mais diversas nações nesse período histórico. São incontáveis os grafites, murais, estêncis e outras técnicas estampadas nas ruas ao redor do mundo, através de diversos estilos e representações gráficas que mostram mensagens de esperança e homenagens aos profissionais da área da saúde. Com isso, a rua fala artisticamente e mantém viva a expressão individual do artista que também está representando a realidade de uma sociedade e

contribuindo para a constituição da memória coletiva, ao expor essa visualidade.

São muitos os artistas que têm transformado as paisagens urbanas, ressignificando os espaços e expressando-se artisticamente sobre algo em comum entre todos: a pandemia de Covid-19. No Brasil, Eduardo Kobra, muralista reconhecido internacionalmente, criou um mural com 5 crianças de diferentes etnias e religiões, com a fé em comum as unindo em tempos de isolamento social necessário (Figura 3a). O artista britânico Banksy, conhecido por suas obras ativistas, fez um trabalho em homenagem aos profissionais da saúde no Hospital da Universidade de Southampton, na Inglaterra, com uma imagem simbólica que encantou o mundo (Figura 3b), assim como Robert Cianflone também mostrou a sua arte sensível em Melbourne, na Austrália (Figura 3c).



Figura 3 - a. Mural de Eduardo Kobra (*Coexistência*, 2020); b. Mural de Banksy (*Game Changer*, 2020); c. Mural de Robert Cianflone (*Anjo australiano*, 2020). **Fonte:** a. Instagram @kobrastreet art; b. Instagram @banksy; c. Veja (2020).

4. CONCLUSÕES

A arte e o design possuem um papel de preservação de memória coletiva indubitável. Mesmo que a memória seja preservada de forma diferente ao longo das décadas, é inquestionável que ambos apresentam uma possibilidade de entendimento contextual e de estudo histórico imensurável. Ainda que cada artista expresse sua individualidade em uma determinada forma de arte, com estilo e estética própria, por mais variada que ela seja, é uma visão sobre a memória da sociedade que vive e presencia momentos de crise como os de uma pandemia. Assim como a arte retratou as pandemias passadas, a arte contemporânea e o design são de suma importância para gravar na história todos os sentimentos, reflexos e ações que eventualmente foram expressos por nossa sociedade atual.

As mensagens de consolo, as homenagens aos profissionais de saúde, as vivências do dia-a-dia, entre tantos outros exemplos da visualidade da pandemia de Covid-19, permitirão que no futuro os historiadores possam refletir e estudar esse momento, preservando a transformação que um vírus causou no mundo. A arte e o design são potentes na interpretação gráfica desse contexto e participam efetivamente da constituição da memória coletiva da sociedade contemporânea.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.
- LEIA JÁ. **Como os artistas plásticos retratam pandemias**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3iLC4i9>. Acesso em 20 out. 2020.
- SILVANA TINELLI. **Como a arte retrata uma pandemia**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3x32UHQ/>. Acesso em 20 out. 2020.
- VEJA. **A arte de rua virou a melhor tradução cultural da pandemia pelo mundo**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3x543OW>. Acesso em 20 out. 2020.